



Associação de Imprensa de Inspiração Cristã



Batismo das Crianças

Publicam-se, na íntegra, as normas diocesanas para entrarem em vigor no primeiro Domingo do Advento. **Página 2**



O conhecimento de Cristo

O senhor bispo coadjutor escreve sobre o Apóstolo S. Paulo. **Página 5**



Conselho Presbiteral

O primeiro depois da recuperação do senhor D. Joaquim. **Página 6**



O Papa na Jornada Mundial da Juventude

Reflexões para serem tidas em conta. **Página 6**

Nos Passos de S. Paulo

Continuamos a série de artigos do apreciado colaborador, P. Manuel Coutinho. **Página 4**



Ordenações

Sempre um acontecimento vivido em clima de grande festa. E este ano não fugiu à regra. **Página 8**

Plano Pastoral 2008/09

Diocese aposta na Palavra de Deus

Por decisão do nosso bispo, ouvidas as estruturas diocesanas próprias, o tema para o próximo ano pastoral continua a ser o da “Palavra de Deus na vida e missão da Igreja”. Justifica-se esta escolha pela necessidade da formação da fé, de espiritualidade, de melhor articulação da Bíblia com a liturgia, pela resposta que há que dar às seitas, pela fundamentação da especificidade do comportamento crente e da actuação do cristão no mundo, etc.

Mas são dois os motivos próximos que levam toda a Igreja universal a centrar-se nesta temática: o Sinodo dos Bispos que, em Outubro, se reunirá em Roma para tratar deste assunto e o ano jubilar comemorativo dos dois mil anos do nascimento de S. Paulo, o grande Apóstolo da palavra dita e palavra escrita. Aliás, quer por sugestão do Papa, quer dos Bispos portugueses, somos convidados a um contacto mais estreito com a Palavra de Deus, mas guiados pela mão e pela experiência de fé de S. Paulo.

Para isso, a Conferência Episcopal Portuguesa editou uma obra que deve seguir de guia ou catecismo para todo este percurso. Chama-se “Um

ano a caminhar com S. Paulo”. Se possível, devia estar presente em todas as famílias, juntamente com a Bíblia ou, no mínimo, com o Novo Testamento, para servir de guia à caminhada familiar no conhecimento e vivência da Palavra de Deus.

Pelo menos, devem existir alguns exemplares em todas as Paróquias, pois, para além de outras específicas formas de abordar a mensagem bíblica - cursos bíblicos, formação de Leitores e Acólitos, conferências, grupos de lectio divina, encenações teatrais, possíveis exposições, peregrinações às Igrejas fundadas por S. Paulo e a Roma, etc. etc. - é pedido que se crie um grupo de formação em cada uma delas. Os agentes de pastoral - mormente os Párocos, Catequistas, grupos de jovens e Conselhos Pastorais - não deixarão de levar este pedido muito a sério. Aliás, coloca-se tal empenho nisto que o senhor Bispo pretende deslocar-se a todos os Concelhos para visitar os animadores desses grupos e fazer com eles a avaliação do caminho percorrido e a percorrer.

Outras sugestões e indicações serão fornecidas no caderninho com o “Plano Dio-

Cont. p. 4



Nos quarenta anos da Humanae Vitae

Faz agora quarenta anos que o Papa Paulo VI publicou a encíclica Humanae vitae, sobre a paternidade responsável e a regulamentação dos nascimentos, um documen-

to doutrinário que marcou o pontificado do Papa Montini, a vida da Igreja e a sociedade, na medida em que esse documento, mais do que mera disciplina pontual, inclui uma

reflexão de fundo sobre a sexualidade humana e os anti-conceptivos. É, pois, conveniente evocar esta data

A sexualidade humana foi sempre um tema delicado ao

longo da história. Com a evolução científica e técnica, as perspectivas demográficas, as orientações psíquicas do séc. XX, o tema tornou-se ainda mais actual.

Cont. p. 4

BAPTISMO DAS CRIANÇAS

Normas diocesanas

As mudanças sociais ultimamente verificadas entre nós requerem especial atenção pastoral a fim de se poderem alcançar os objectivos de fé que a Igreja pretende nas celebrações dos sacramentos.

No que se refere ao Baptismo das crianças, a emigração e a imigração, a mobilidade permanente das pessoas, as atracções turísticas e as múltiplas relações humanas criadas pelos pais e familiares, trazem frequentemente consigo a tentação de adiar a celebração do Baptismo por conveniência social e de fazer a celebração fora das igrejas paroquiais, correndo-se o perigo real de o Baptismo das crianças se tornar uma «festa de amigos» e «festa social», reduzindo a fé a um «sentimento individual» ou mera «tradição da família», atitude que mais tarde vai repetir-se no modo como se processa a Catequese, e as celebrações da Comunhão, do Crisma, do Casamento, e de outros actos religiosos. São os católicos que andam sempre «à margem» da normalidade». Tendo isto em conta, a última Assembleia do Conselho de Presbíteros desta Diocese de Vila Real votou favoravelmente a proposta de reservar a celebração do Baptismo das crianças para as igrejas paroquiais (cânon 857, 2).

Na base dessa decisão está a preocupação de proporcionar aos fiéis as condições normais que contribuam para a educação da fé, a preparação dos pais e padrinhos e tornem mais compreensível e frutuosa a celebração do Baptismo.

Baptismo e seus efeitos

1 - O Baptismo é o sacramento que integra a pessoa no mistério pascal da Morte e Ressurreição de Jesus e, simultaneamente, faz a incorporação na Igreja. (c. 849; Ritual do Baptismo, Preliminares Gerais 3-6).

São duas dimensões fundamentais estreitamente ligadas entre si. Por isso, o Baptismo é chamado «primeira Páscoa», «renascimento da pessoa», «porta da vida e do reino», «porta dos sacramentos», «entrada na Igreja» e «porta da Igreja» como diz com rigor a linguagem cristã do povo.

Essa pertença à Igreja é afirmada explicitamente pelo ministro logo no acto do acolhimento ao fazer o sinal da cruz na frente da criança: «É com muita alegria que a comunidade cristã te recebe». Esta dimensão eclesial do Baptismo torna-se mais visível e sentida pelos fiéis se a celebração se fizer na igreja paroquial, o lugar normal da celebração e imagem local da Igreja organizada (c. 857,2).

2 - A dimensão eclesial do Baptismo é ainda atestada pela disposição pastoral da Igreja de ser levada ao Pároco a criança que, por motivos de urgência, foi baptizada em casa ou no hospital, a fim de que o Pároco faça os ritos

5 - Outro tanto se diga do registo oficial do Baptismo (c. 875).

Tempo, Local e Dia da Celebração

6 - Os pais têm obrigação de procurar que as crianças sejam baptizadas dentro das primeiras semanas depois do nascimento, devendo os pais falar com o Pároco após ou mesmo antes do nascimento, em ordem ao baptismo e sua preparação (c 867). Na prática pastoral, essas «primeiras semanas» entendem-se como o tempo suficiente para que se faça a preparação da celebração, dos pais e padrinhos, e a mãe possa deslocar-se à igreja para participar no baptismo dos filhos.

7 - O local normal para o Baptismo das crianças é a igreja paroquial da residência dos pais da criança (c 857, 2. Ritual do Baptismo, Preliminares gerais, 10).

Poderá celebrar-se noutra igreja paroquial, em alguns santuários diocesanos, e até na igreja de uma freguesia civil que não seja paróquia mas tenha pia baptismal e nela seja tradicional fazer-se a celebração do Baptismo. Nestes três casos, porém, é sempre necessária a autorização do Bispo diocesano.

O requerimento será feito pelo pároco da residência dos pais da criança, apresentando razões para a alteração da norma, incluindo a informação de não haver inconvenientes para isso, de ter sido feita a preparação dos pais, e já haverem sido recebido os emolumentos do Fundo paroquial. Por sua vez, os párocos não façam baptismos de crianças em nenhuma das suas paróquias cujos pais não tenham residência habitual nessa paróquia.

8 - O dia da celebração dos Baptismos é, preferencialmente, o Domingo para se assinalar o vínculo desse sacramento com o mistério da Páscoa de Jesus (c 856) Se houver mais que um baptizado nesse dia, devem fazer-se todos na mesma celebração, não havendo em cada Domingo mais que uma celebração.

Para essa celebração é indispensável reservar o tempo necessário, o que não parece possível nos intervalos das Missas dominicais.

9 - A celebração pode fazer-se dentro da Missa paroquial algumas vezes por ano, mas não sempre, a fim de não tornar repetitiva demorada a celebração da Missa dominical (Ritual do Baptismo, Preliminares gerais, 9).

sar, da terceira pode dispensar o próprio ministro se o candidato já for confirmado, dada a praxe vigente entre nós sobre a idade da confirmação; para a dispensa do Crisma requer-se a autorização do Bispo diocesano.



10 - O Pároco ou Reitor do santuário onde se fez a celebração do Baptismo enviará cópia do registo desse Baptismo ao Pároco da residência dos pais da criança (c. 848). Dessa certidão não se cobrarão quaisquer emolumentos e os futuros documentos relativos ao Baptismo dessa pessoa serão procurados na paróquia da residência dos pais da criança.

Padrinhos: condições e preparação

11 - Quanto aos Padrinhos, está estabelecido na lei geral da Igreja que haja um só padrinho ou uma só madrinha, ou um padrinho e uma madrinha (c. 873).

Acerca das condições requeridas, elas derivam da missão de ajudar os pais da criança na educação religiosa, e são, pela ordem da exigência, quatro: prática religiosa habitual, situação canónica regular, dezasseis anos de idade e ser crismado (c. 872, 873, 874). Da primeira e da segunda exigência ninguém pode dispen-

É o pároco da residência dos pais quem deve fazer esse re-

Cont. p. 3

FICHA TÉCNICA

Igreja Diocesana de VILA REAL

Boletim oficial da Diocese de Vila Real

Propriedade

Centro Católico de Cultura

Equipa de Redacção

P. João Batista G. Curralejo
P. Henrique Ferreira Oliveira

Administração

P. António Paulo S. Rodrigues

R. D. Pedro de Castro, 1
5000-669 VILA REAL
Tel. 259322034
Fax. 259378346
E-mail: ccc-vr@mail.pt

Impressão

Minerva Transmontana
Tipografia L.da
R. D. António Valente da
Fonseca
5000-539 VILA REAL

BAPTISMO DE CRIANÇAS

Cont. p. 2

querimento, no qual conste a observância das condições anteriores e a garantia de que o candidato se preparará para o Crisma logo que possível, assinando também ele o requerimento. Se se tratar de um adolescente em idade de catequese, o Pároco atestará ainda que o pretendente frequenta a catequese, sem o que a concessão não será dada.

Se o padrinho/madrinha residem em paróquia estranha à da celebração e pertence a outro pároco, devem munir-se de um documento do respectivo pároco.

12 - A preparação dos pais e padrinhos compete ao Pároco da residência dos pais da criança, «não devendo supor-se já feita nem limitar-se a exortar os pais durante a celebração do Baptismo» (Preliminares, 25).

Dessa preparação dos pais e padrinhos constará a leitura de um texto baptismal, a informação catequética dos efeitos do Baptismo referidos acima (1, 2 e 3) e alguma oração com eles.

Da preparação faz ainda parte a limpeza e asseio da pia baptismal de modo que se sintam o clima pascal.

Quem é Criança?

13 - Por criança entende-se aqui a pessoa que ainda não completou os sete anos de idade (c.97, 852).

Todavia, mesmo antes dos sete anos, as crianças atingem algum uso da razão, sendo por isso muito conveniente que nesses casos os pais façam alguma preparação dessas crianças, onde se inclua: que Deus é Pai, Filho, Espírito Santo; que o Filho incarnou, morreu e ressuscitou por nós; e quis que os seus seguidores formassem uma comunidade ou família ou Igreja.

Essa preparação das crianças deve ainda incluir algumas orações: o «Glória ao Pai», fazer o «Sinal da Cruz» como sinal da Páscoa de Jesus, e saber «pedir a Deus perdão» daqueles actos que elas sintam ter desagradado a Deus.

Portanto, os párocos podem legalmente aceder ao pedido dos pais para fazer o Baptismo das crianças antes dos sete anos, mas, se elas já frequentam a catequese/escola, recomenda-se que façam o percurso catequético até à Primeira Comunhão e sejam baptizadas na Páscoa desse ano.

14 - Depois de completarem os sete anos, as pessoas são canonicamente «adultas» e o seu Baptismo tem de ser requerido ao Bispo diocesano, a fim de ser garantida uma preparação especial para o Baptismo. No requerimento feito pelo Pároco e assinado pelos pais (ou pelo próprio, conforme a idade), o Pároco deve indicar a pessoa que assume a responsabilidade pela preparação dessa pessoa e é ela que devia ser o padrinho/madrinha.

Esta legislação entrará em vigor no primeiro Domingo do Advento.

Vila Real, 25 de Julho de 2008

Joaquim Gonçalves, Bispo de Vila Real
Amândio José Tomás, Bispo Coadjutor.

Igreja Diocesana de Vila Real

Nos quarenta anos da *Humanae Vitae*

Cont. p. 1

Hoje vivemos numa sociedade profundamente erotizada. Não há edição jornalística de fim de semana ou obra de escritor, pintura mural ou exposição artística, festival de música e de cinema, estação de televisão ou número publicitário, que não incluam algum elemento erótico a servir de condimento julgado indispensável na cozinha da arte. É um traço típico na nossa civilização, frequentemente artigo de comércio. Voltamos à Antiguidade pagã, mas sem chamar retrógrado a esse regresso. Por outro lado, continua o drama social da descida da natalidade e do aumento dos divórcios cada vez mais facilitados, a polémica sobre a legislação do casamento e uniões de facto, agressão física à mulher no casamento ou nas relações de noivado, o assédio sexual, a polémica sobre a desorientação dos jovens em matéria sexual.

O contexto da encíclica

Dentro da Igreja, vinha de longe a preocupação por esta área que afecta toda a gente, sobretudo a vida matrimonial. Durante o Concílio tinha-se falado do grave problema da natalidade, do sentido da sexualidade humana, da vida íntima do casal, do aborto, da vulgarização dos anticonceptivos entre adultos e jovens, e do seu cruzamento com a liberdade da mulher e com as políticas mundiais. Desde João XXIII que o tema fora reservado ao Papa e Paulo VI manteve essa orientação com uma equipa especialmente constituída para uma reflexão sobre a matéria, criando-se necessariamente uma grande expectativa em redor dessa equipa e desse estudo. Entretanto, no mês de Maio desse ano de 68, tinha ocorrido em França o «Maio 68», uma explosão de todas as liberdades que deu o tom da mentalidade difundida na Europa acerca da disciplina de costumes, do conceito de esforço pessoal, da aceitação de normas em matéria sexual.

Divulgara-se por toda a parte que, entre os membros da equipa do Papa, se haviam formado dois partidos: um, mais reduzido, que fazia uma reflexão na linha doutrinária dos documentos anteriores da Igreja, e outro, mais alargado, que se orientava para uma reflexão mais aberta. Nessa altura, estava eu oficialmente responsabilizado na pastoral familiar e, nomeadamente, na pastoral do noivado, e, para minha orientação de base, procurei um respeitado professor de Ética filosófica e Teologia para saber que ventos sopravam no mundo da reflexão séria. Quando

lhe disse o motivo da minha preocupação, ele fixou-me e disse nervoso: «aí está a serpente a lançar o veneno na rua para que, ao ver-se esmagada, deixe a impressão que ela é que é a libertadora». Foi isso que aconteceu: ao aparecer a encíclica *Humanae vitae*, foi logo taxada de obra de uma minoria, em oposição à maioria libertadora! O Papa sofreu horrores, incluindo caricaturas sórdidas, sobretudo na Alemanha. E o clima não se dissipou totalmente.

A encíclica afirma a verdade do Evangelho

Não é aqui o lugar para fazer qualquer exposição, ainda que breve, daquela encíclica. Lembro somente que ainda hoje vale a pena lê-la, que «ela tem consistência, ainda que as suas motivações e a visão antropológica devam ser submetidas a um exame maior», como disse há anos o cardeal Ratzinger, hoje Bento XVI.

Sobre os grandes valores, obrigações e finalidades expostos na *Humanae Vitae*, não há qualquer divergência no seio da Igreja. Esses grandes valores são: «o carácter genuíno do amor conjugal como essencialmente oblativo e oposto ao egoísmo, a dignidade da pessoa dos cônjuges, a santidade e inviolabilidade da vida desde o começo da concepção com absoluta exclusão de toda a tentativa de justificar o aborto, o carácter de generosidade de toda a vocação da paternidade e maternidade, a dignidade do acto conjugal e seu valor para alimentar a união conjugal e familiar (Bernard Haring)

O mundo enveredou por outra filosofia da sexualidade. Para, de algum modo, medir o dilúvio erotizante e os problemas humanos e sociais nascidos dessa filosofia oposta à encíclica, basta citar os vários documentos que o João Paulo II, sucessor de Paulo VI, foi publicando para responder às chagas abertas, nomeadamente a Exortação Apostólica «*Familiaris consortio*» em 1982, a carta apostólica sobre a «Dignidade da Mulher» em 1988, a encíclica sobre «O Evangelho da Vida» em 1995; e outros editados pela «Congregação para a Doutrina da fé»: «*Persona humana*» em 1975, «*Libertatis conscientia*» em 1986, «*Cuidado pastoral das pessoas homossexuais*» em 1986, «*Donum vitae*» em 1987, «*Considerações concernentes à não discriminação das pessoas homossexuais*» em 1992, «*Considerações sobre Projectos de Reconhecimento Legal das Uniões entre Pessoas Homossexuais*» em 2003.

Uma encíclica para um tempo de desorientação

Seja por influência freudiana, seja por psicologias behavioristas, seja por romantismos rousseauanos, seja por fantasias culturais e seduções de militâncias políticas ditas progressistas, gerou-se a ideia de que o prazer sexual faz parte da vida da pessoa, comparável aos outros prazeres, e estabeleceu-se como norma o direito geral a esse prazer. A partir daí, nunca mais parou a derrapagem da sexualidade humana entre jovens e adultos, solteiros e casados, entre homens e entre mulheres. Só param legalmente diante das crianças. Para suporte desse suposto direito, carregou-se tudo o que a indústria farmacêutica, uma certa medicina



sem antropologia e as organizações políticas possam angariar, incluindo a invenção do «direito à saúde reprodutiva» e a «liberdade sexual da mulher grávida», acima da vida do filho. Os inimigos desta liberdade sexual são dois: os filhos (tendencialmente indesejáveis), e as doenças derivadas da liberdade sexual e a sida. No dia em que fosse possível afastar esses perigos, teríamos na terra um novo humanismo, o paraíso muçulmano.

A permanência desta mentalidade de nos esquemas oficiais das governações políticas ressalta em certos discursos e proclamações partidárias e impede de tomar atitudes que toda agente vê serem necessárias, mas que constituem os novos tabus culturais.

Entretanto, o n.29 da encíclica alerta: «Não diminuir em nada a sã doutrina de Cristo é uma forma eminente de caridade para as almas. E isso deve ir sempre acompanhado da paciência e da bondade de que o mesmo Senhor deu exemplo no contacto com as pessoas na sua vida terrena. Foi intransigente com o mal, mas misericordioso com as pessoas».

Para não ter de se lutar diariamente por um ideal, é mais fácil derrubar esse ideal, na ilusão de que se fica mais livre e que tudo fica resolvido.

Joaquim Gonçalves, Bispo de V. Real

NOS PASSOS DE S. PAULO

Algumas das actividades propostas pela Igreja para celebrar o Ano Paulino são as peregrinações, sobressaindo aquelas que convidam a seguir os passos de S. Paulo. Trata-se de actualizar, na medida do possível, as viagens missionárias do Apóstolo, visitando algumas das Igrejas por ele fundadas, principalmente na Grécia e na Turquia.

O objectivo de nos embrenharmos nos “passos” de S. Paulo não é fundamentalmente turístico nem meramente arqueológico. Visitar os lugares onde o “Apóstolo das gentes” passou, em circunstâncias muito diferentes das nossas, tocar com a mão as pedras que ainda restam dos templos daquela época e tomar contacto com as pedras vivas da Igreja dos primeiros tempos e do nosso tempo, deverá despertar em nós uma “mudança paulina”, conforme nos dizem as palavras acertadas do nosso Bispo na sua mensagem sobre

o Ano Paulino. Assim, o cristão que percorre estes caminhos, mesmo vinte séculos depois, aprende a caminhar com S. Paulo ao encontro daquele que foi a paixão da sua vida: Jesus Cristo.

A proposta da Conferência Episcopal Portuguesa, materializada no livro escrito pelo Bispo Auxiliar de Lisboa, D. Anacleto de Oliveira, Um ano a caminhar com S. Paulo, é um desafio para todos nós, Igreja de Cristo que vive em Portugal. A caminhada não se faz ao acaso. Ela tem um destino: ajudados pela reflexão, pela vida e pelo exemplo de

S. Paulo, reencontramos Jesus Cristo na essência da sua Pessoa e do seu Evangelho. Este itinerário paulino não será feito em viagens nem em visitas turísticas, nem em evocações sentimentais da figura de S. Paulo, mas imitando a sua

atitude de conversão contínua ao Deus de Jesus Cristo, até podermos dizer: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20).

Gostariamos então de reflectir um pouco sobre alguns dos passos dados por S. Paulo na sua “peregrinação interior”. O mais importante é sem dúvida o passo de gigante que ele deu do Deus único revelado no Sinai até ao mesmo Deus revelado em plenitude por Jesus Cristo como família trinitária. É em nome desse Deus que S. Paulo saúda as comunidades a quem escreve: “A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós!” (2Cor 13, 13). Continuando a utilizar o modo de raciocinar e de interpretar as Escrituras próprio dos judeus, S. Paulo soube como ninguém abrir-se à novidade de Cristo e da sua mensagem, deixando-nos o testemunho desse passo nas



suas palavras: “Por isso, se alguém está em Cristo, é uma nova criação. O que era antigo passou; eis que surgiram coisas novas” (2Cor 5, 17).

As coisas novas que surgiram não provieram de uma ruptura com o Antigo Testamento,

mas são vistas como o seu cumprimento. Em Act. 26, 22 e 28, 23 Paulo tenta persuadir os seus ouvintes de que Moisés, na Lei (no Pentateuco) e os Profetas já haviam falado acerca de Jesus e tinham predito o que n’Ele iria acontecer. Cristo veio portanto cumprir essas profecias. Para S. Paulo, as personagens e os acontecimentos do Antigo Testamento são figuras anunciadoras ou, com mais propriedade, prefigurativas de Cristo e das realidades que ele proclama. É costume classificar este procedimento de S. Paulo como tipológico. Segundo esta forma de exegese, o tempo de Moisés é visto como tipo do tempo de Cristo, ou concretizando mais, os acontecimentos do Êxodo dos quais Moisés foi protagonista são tipos dos acontecimentos da Nova Aliança realizada em Cristo.

Em 2Cor 3, 7-18 encontramos um interessante desenvolvimento deráxico sobre a glória de Moisés, cujo fulgor brilhava no seu semblante (Ex. 34, 29-30) e a glória de Cristo, muito superior à de Moisés (2Cor. 3, 10): “Mesmo até o que, sob tal aspecto, foi glorioso, deixou de o ser por causa da glória eminentemente superior”. Para apoiar o seu pensamento, Paulo socorre-se ainda da imagem do véu: o véu de Moisés servia para ocultar ao povo a condição transitória do fulgor do seu rosto (da sua glória) originado pela sua proximidade com Deus. Esse véu cai em Jesus Cristo, cuja glória permanece para sempre, ou seja, a Antiga Aliança, que era transitória, torna-se definitiva na Nova Aliança realizada em Jesus Cristo.

P. Manuel Coutinho

Plano Pastoral 2008/09

Cont. p. 1

cesano de Pastoral”, a fornecer logo nos inícios de Setembro. Do texto programático do senhor D. Joaquim retira-se o seguinte extracto, que pode, desde já, funcionar como introdução ao tema.

Objectivos dos grupos paroquiais

Ao proclamar o Ano Paulino, o Papa não nos convida propriamente a um estudo académico para satisfazer curiosidades sobre S. Paulo, ainda que, de permeio, isso aconteça. Trata-se de fazer uma educação dos fieis para o uso cristão da Bíblia, a aprendizagem da «lectio divina», utilizando para isso os textos de S. Paulo.

É uma tarefa pastoral nova que exige algum esforço de todos, quer por falta de hábito de estudo e de leitura, quer por falta de pessoas orientadoras

Muitas pessoas têm a Bíblia em casa mas não a sabem usar. Além de, no passado, a Igreja não haver apoiado muito a leitura directa da Bíblia por causa da confusão que isso

podia criar e essa leitura também não ser fácil devido ao analfabetismo generalizado, a leitura da Bíblia tem hoje outro obstáculo - a orientação quase exclusiva para os audiovisuais. Seja como for, o uso da Bíblia é um caminho a percorrer traçado pelo Concílio, sobretudo pela Constituição Dei Verbum, e este Ano Paulino é uma oportunidade a não perder.



A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja

Este exercício pastoral é, simultaneamente, um exercício de piedade e um acto cultural: dar ao culto, aos catequistas e aos leitores, um suporte cultural; ajudar as pessoas piedosas a fazerem a lectio divina; e reconfortá-las perante a confusão e o assédio das seitas.

São muitos os livros que se estão a publicar sobre S. Paulo, neste Ano Jubilar que lhe é dedicado. Especial relevo merece a “Paulinas Editora” (www.paulinas.pt), uma casa livreira pertença de religiosas que se reclamam da herança espiritual e pastoral de S. Paulo.

De entre as muitas obras já publicadas, seria de referir os escritos do Professor Jerome Murphy-O’Connor, particularmente “Paulo: Um homem inquieto, um apóstolo insuperável” e “Jesus e Paulo: vidas paralelas”. Para iniciação à teologia paulina, poderá ser útil a obra de Valmor da Silva, “Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus”. Para um estudo mais técnico, “A Teologia do Apóstolo Paulo”, de James Dunn (912 páginas!) ou os dois livros de Lucien Cerfaux, “O Cristão na Teologia de Paulo” e “Cristo na Teologia de Paulo”. Sem esquecer a obra do actual Papa, “Paulo, o Apóstolo dos gentios”.

S. Paulo e o conhecimento de Cristo

Paulo não viu Jesus, quando ele estudava, na 'Escola da Interpretação' (bet midrash), como discípulo de Gamaliel, em Jerusalém. Fariseu zeloso aprovou a morte de Estêvão, perseguiu os cristãos, para os trazer à obediência da Lei, esperando o Messias imortal, segundo a literatura inter-testamentária (Odes de Salomão, 1 de Henoch, Oráculos Sibilinos). Sabemos do seu passado judaico e da actividade em prol do Evangelho de Cristo, após a experiência de Damasco, pelas suas Cartas e pelos Actos dos Apóstolos. Paulo não encontrou Jesus, na veste do jovem rico (Mc 10,17-22)! Isso é erro de interpretação do 'segundo a carne' (katà sárka) de 2 Cor. 5,16. Esta locução é adjectiva, se segue um nome, como em Rm 9,3: "meus irmãos, do mesmo sangue que eu, segundo a carne"(katà sárka); ou locução adverbial, se segue um verbo, como é o caso: "Cristo morreu por todos para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou, de modo que nós, daqui para a frente, a ninguém conhecemos carnalmente (katà sárka) e se outrora conhecemos Cristo carnalmente (katà sárka) não mais o conhecemos assim" (2 Cor. 5,15-16).

Paulo diz que, como fariseu, considerou Cristo carnalmente, com critérios humanos, não como o vê, agora, após a experiência de

Damasco. Não tendo visto o Jesus terreno, ouvira falar d'Ele por interpostas pessoas. O que pensava dele era pouco abonatório e desejava acabar

com quantos o seguiam e o consideravam Messias, Salvador e Lei definitiva. Pensava que Jesus era um charlatão e desencaminhava os crentes, como, mais tarde, Flávio Josefo: "por essa altura havia um homem sábio, chamado Jesus. Fazia acções inacreditáveis e era um mestre daqueles que estavam ávidos de novidades. Chamou a si muitos judeus e muitos gentios. E quando Pilatos, por sugestão dos principais homens de entre nós, o condenou à cruz, aqueles que o amaram desde o início não o esqueceram. E a tribo dos messianistas, assim chamados devido a ele, não se extinguiu até hoje" (Ant.Jud.18,63-64). Paulo já ouvira falar de Jesus, quando o encontrou no caminho de Damasco, só que o passou a conhecer de maneira

nova, como Messias, Senhor e referência suprema, operando-se nele uma transformação, como escreve aos Gálatas: "o Evangelho por mim anunciado não o conheci à maneira humana, pois eu não o recebi nem aprendi de homem algum, mas por uma revelação de Jesus Cristo" (Gl 1,11-12). Mas a revelação divina não exclui a aprendizagem mediante o contacto com as testemunhas oculares, como Pedro e Tiago, que o informam sobre o Jesus histórico (Gl. 1,18 s).

Paulo diz que viu Jesus (1 Cor 9,1), como outros aos quais Jesus se fez ver: "Apareceu a Cefas e depois aos Doze. Em seguida apareceu a mais de quinhentos irmãos, de uma só vez, a maior parte dos quais ainda vive, enquanto alguns já morreram. Depois apareceu a Tiago e, a seguir, a todos os Apóstolos. Em último lugar apareceu-me também a mim, como a um aborto. É que eu sou o menor dos apóstolos, nem sou digno de ser chamado Apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus"(1 Cor.15,5-9). Antes da experiência

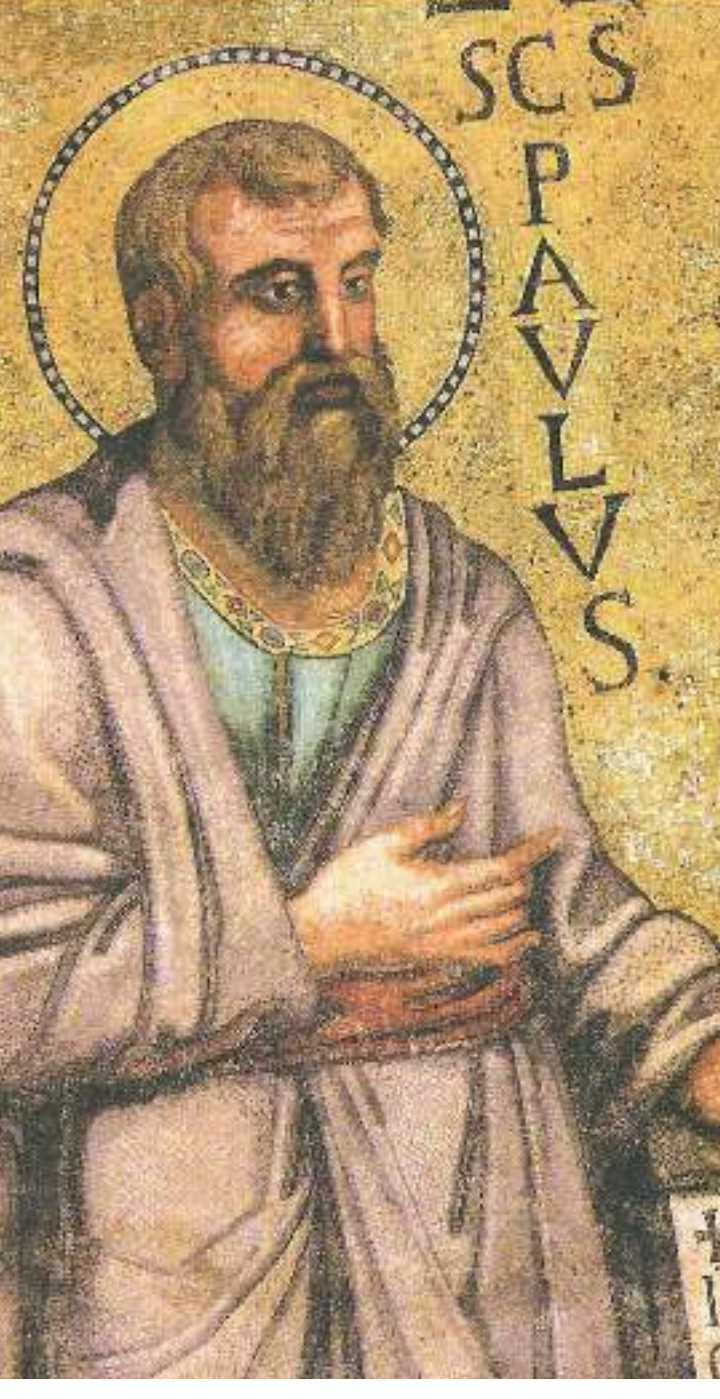
de Damasco, julgava falso o que de Jesus se dizia. Depois, estava convencidíssimo que o Crucificado vivia glorioso. Mas como é que reconheceu alguém que nunca tinha visto, e dele só tinha ouvido falar?

Paulo sabia que os que perseguia acreditavam em Jesus Messias, ressuscitado. Para ele, fariseu, o decisivo era a ressurreição dos mortos, não a imortalidade da alma dos gregos, pois, na antropologia judaica monista, não existe corpo sem alma. Paulo fala da experiência de Jesus ressuscitado, que confessa como Cristo, Senhor e Filho de Deus. Com a sua vida e morte testemunha que viu o ressuscitado, mas não diz como Jesus lhe apareceu, nem como reconheceu alguém que nunca vira. Estes são os pontos que Lucas seu companheiro de missão esclarece nos 3 relatos da conversão de Paulo, 2 postos na boca do Apóstolo (Act 9,3-19; 22,6-16; 26,12-18). Os relatos concordam no essencial: Paulo viu uma luz fulgurante, ouviu uma voz que dizia: "Saulo, Saulo porque me persegues?", à qual retorquiu: "Quem és Tu Senhor?" e a voz respondeu "Eu sou Jesus a quem tu persegues". Nos dois primeiros relatos Jesus dá um sinal da sua identidade: Saulo fica cego, é levado a Ananias, curado da cegueira, recebe o baptismo e o dom do Espírito. Assim, Jesus, que se impôs a Paulo, dá um sinal de credibilidade para ele acreditar, como, ao se fazer ver aos discípulos, mostrou as mãos e o lado, partiu o pão, etc.. A Ressurreição de Jesus é o selo de Deus a aprovar a verdade da doutrina, da Pessoa e prerrogativas de Jesus. Paulo tem consciência que foi alcançado, apanhado (katalambanô)

por Jesus Cristo (Fil 3,12). Perseguiu os cristãos e Jesus perseguia-o a ele, que, agora, crente e apóstolo, mostra que abandonou o caminho falso de ver Jesus, para O considerar, como revelador definitivo de Deus, Messias Salvador, Senhor e Filho Único e eterno de Deus Pai. Perante o governador Félix, Paulo confessa pertencer à "Via" a que os judeus chamam partido e que é perseguido, por causa da ressurreição, porque acredita e confessa que Jesus ressuscitou dos mortos (Act. 24,10-21), como o disse aos gregos, no areópago de Atenas (Act 17,31-32).

Mas, Jesus, santo e inocente, que lhe apareceu no caminho, afinal morreu crucificado, contrariando a opinião de que o Messias não devia morrer. Porque? A resposta é que "a Si mesmo se entregou pelos nossos pecados" (Gl 1,4), num supremo acto de amor do "Filho de Deus que a Si mesmo se entregou por mim"(Gl 2,20). Muitos ensinam coisas lindas e ostentam prodígios, mas só Jesus decidiu morrer por nós e sendo de natureza divina, em tudo igual a Deus, fez-se igual a nós, esvaziou-se a si mesmo, humilhando-se e obedecendo até à morte de Cruz (Fil 2,5-11), pois Deus, em Cristo reconciliou todas as coisas consigo, "pacificando pelo sangue da sua cruz"(Col 1,20). O que torna a pessoa verdadeiramente humana é o sacrifício de si mesma, por isso, Paulo diz aos Coríntios: "Julguei não dever saber outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo e este crucificado" (1 Cor. 2,2).

+ Amândio José Tomás
Vila Real,
2 de Agosto de 2008



Dia Diocesano do Catequista

No seguimento de uma tradição que começa a firmar-se, o Secretariado Diocesano da Educação Cristã já programou a celebração do próximo Dia Diocesano do Catequista. Será em Valpaços, no dia 5 de Outubro, como é habitual, a partir das nove horas e meia.

Esta jornada de formação e convívio vem juntar-se a mais duas já institucionalizadas: o Dia da Diocese, no primeiro Domingo de Junho, e o Dia da Juventude, a 25 de Abril. Mas é preciso que outros dois sectores avancem com a programação de celebrações deste género, aliás como acontece nas outras dioceses: a pastoral da família e a estrutura coordenadora das aulas de religião e moral. Estes quatro âmbitos, mais a Diocese enquanto tal, parecem cobrir os principais sectores da pastoral.

CONSELHO PRESBITERAL

Como referimos na anterior edição deste boletim, no dia 25 de Junho, reuniu o Conselho Presbiteral, órgão de consulta do Bispo Diocesano. Estiveram presentes grande número de conselheiros e também participou, pela primeira vez, o senhor D. Amândio.

Dos assuntos referidos e estudados, damos conta em jeito de núcleos temáticos:

1. A Casa do Clero está pronta a ser habitada. Em Setembro, far-se-á uma reunião geral do clero para estudar as condições de admissão.



2. A realidade demonstra que é necessário avançar para a formação e institucionalização de orientadores de Assembleia Dominical na Ausência de Presbítero. Não se deve, porém, aceitar qualquer candidato auto-proposto, mas a sua escolha deve ser reflectida e votada pelo clero do Arciprestado/zona pastoral.

3. É necessária mais formação espiritual para quem exerce qualquer serviço ou ministério nas Paróquias. Particularmente Leitores, Acólitos, Ministros da Comunhão e Catequistas.

4. Os sacerdotes não devem avançar com a celebração de Missas plurintencionais (juntar várias intenções na mesma celebração). Se já estão a fazer isso, devem observar os seguintes limites: a) em apenas dois dias por semana; b) poucas intenções de cada vez; c) se cobra a totalidade do estipêndio, o sacerdote retira o estipêndio correspondente a uma intenção e manda o resto para a Cúria diocesana.

5. Todos os dinheiros para os vários departamentos da Diocese devem ser entregues na Cúria. Como excepções, apenas a Caritas e, se assim entenderem, por motivo de recibo, o do Seminário.

6. Os baptismos devem ser feitos somente na igreja paroquial. As únicas excepções são as referidas no documento "Batismo das Crianças. Normas diocesanas", que se publica neste mesmo boletim: "Poderá celebrar-se noutra igreja paroquial, em alguns santuários diocesanos, e até na igreja de uma freguesia civil que não seja paróquia mas tenha pia baptismal e nela seja tradicional fazer-se a celebração do Batismo. Nestes três casos, porém, é sempre necessária a autorização do Bispo diocesano".

7. O próximo Ano Pastoral, em Ano Paulino, que começa com o Sínodo dos Bispos sobre a Palavra, em Outubro próximo, será especialmente dedicado à Palavra de Deus e terá três momentos especialmente celebrativos: 1º Domingo de Outubro, dia do Encontro Diocesano dos Catequistas; 25 de Janeiro, dia litúrgico da conversão de S. Paulo; 1º Domingo de Junho, dia diocesano.

8. A Reciclagem do Clero, dias 2 a 4 de Setembro próximo, terá como pano de fundo o Ano Paulino.

Jornada Mundial da Juventude

Um Papa que se afirma perante os jovens

Muitos comentaristas começam a chamar a atenção para este dado: ao contrário do que poderia parecer, devido à sua experiência de vida e idade, o Papa está a entrar cada vez mais no coração dos jovens. Foi o que se verificou em Sidney, na Austrália, na celebração da Jornada Mundial da Juventude.

Bento XVI assegurou que estas Jornadas mostram "que a Igreja pode alegrar-se com os jovens de hoje e encher-se de esperança pelo mundo de amanhã". Perante uma cultura de relativismos e de «pensamento débil», centrou-se, fortemente, em duas temáticas: no papel da fé na vida pessoal e sócio-política e na preocupação com o futuro da humanidade, quer devido à exploração desenfreada dos recursos da natureza, quer pelo desnorteamento em termos de princípios e valores, o que pode pôr em causa a própria convivência e até a sobrevivência do homem sobre a terra.

Por isso, não teve pejo em anunciar verdades como esta: "Há algo sinistro que brota do facto de que a liberdade e a tolerância se separem, com muita frequência, da verdade. Tudo isso se alimenta da ideia, amplamente difundida na nossa época, de que não há uma verdade absoluta que guie a nossa vida. O relativismo, dando valor a tudo indistintamente, faz com que a «experiência» seja

o mais importante". Como consequência, a sociedade modela-se sem referência ao transcendente e a política torna-se uma arte de satisfazer as necessidades materiais, mas sem qualquer referência aos mínimos morais.

Por isso, pediu aos jovens: "Amigos, o senhor está a pedir-vos que sejais profetas desta nova era, mensageiros do seu amor, capazes de atrair as pessoas para o Pai e de construir um futuro de esperança para toda a humanidade".

Desta Jornada, na qual participaram três jovens da paróquia de Mateus da nossa Diocese, seriam de referir alguns dados:

- privilegiou-se fortemente a tónica da espiritualidade. A Vigília de oração foi um dos actos mais concorridos;

- encenou-se uma Via-sacra com mais de 100 actores. A cidade de Sidney «despejou-se» na rua para a ver e foi transmitida para todo o mundo pela televisão. Calcula-se que cerca de 500.000.000 de pessoas assistiram a esta Via-sacra;

- não se desprezaram as linguagens típicas dos

jovens, a ponto de se usar música com sons de rock, hip-hop e Reggae. Mesmo em momentos de oração;

- mais de 8.000 voluntários organizaram os inúmeros serviços de logística;

- como os meios de comunicação social tanto repisaram —por vezes, em exclusivo— o Papa condenou vivamente e pediu desculpa pelos abusos sexuais cometidos por sacerdotes. Também lá, infelizmente, aconteceu...;

- Bento XVI encontrou-se com jovens que fazem recuperação para sair da toxicod dependência para "ouvir as suas histórias";

- uma organização islâmica acolheu e instalou 350 jovens cristãos. Um gesto muito lindo, a ressaltar;

- finalmente, a notícia de que a próxima Jornada Mundial, em 2011, vai ser mesmo à nossa porta: em Madrid. Há que começar a prepará-la.



Educar numa sociedade pluricultural

De 23 a 31 de Julho, decorreu na Casa Diocesana de Vila Real, o 47º encontro nacional do MOMIP, o Movimento Missionário de Professores, com sede em Lisboa. O lema faz referência a uma realidade que ainda não é muito aguda entre nós, mas começa a ser bastante sentida nos grandes



centros: como educar, mormente para os valores, numa sociedade que se reclama das mais diversas pertenças.

D. João Lavrador

Já deu entrada na vizinha Diocese do Porto o novo bispo auxiliar, D. João Evangelista Pimentel Lavrador. Nascido no concelho de Mira, Diocese de Coimbra, D. João Lavrador foi ordenado presbítero em 1981. Nomeado reitor do Seminário Maior de Coimbra, leccionou Teologia Dogmática no ISET, foi director do Instituto Universitário Justiça e Paz e capelão do Carmelo de Santa Teresa de Coimbra (onde privou 5 anos com a Irmã Lúcia). Era cônego da Sé de Coim-

bra e, desde 1999, desempenhou as funções de secretário da Comissão Episcopal da Cultura



ra, dos Bens Culturais e das Comunicações Sociais.

Foi ordenado bispo no dia 29 de Junho, solenidade de S. Pedro e S. Paulo.

Novo estipêndio das Missas

Na Província eclesiástica de Braga (Braga, Viana, Vila Real, Bragança, Porto, Lamego, Aveiro, Coimbra e Viseu) o estipêndio da Missa passou de sete euros e meio para dez euros, a partir do passado dia um de Julho. Obviamente, em circunstâncias específicas, o sacerdote pode acrescentar a este estipêndio algo que compense a sua deslocação/transporte.

O decreto foi assinado no dia 11 de Junho pelo Arcebispo de Braga, e por todos os outros Bispos diocesanos da metrópole braguesa.

O novo documento recorda ainda a obrigatoriedade

da criação de um Fundo Paroquial em cada paróquia e de um Conselho Económico para sua administração (equivalente e sucessor da até há pouco chamada «Comissão Fabriqueira»). Para esse fundo devem ser canalizados os emolumentos pagos pelos fiéis por ocasião da celebração dos sacramentos, bem como as suas ofertas.

As novas tabelas – não só as das Missas, mas tudo o que tem a ver com os emolumentos habituais – podem ser consultadas no site da Arquidiocese de Braga: www.diocese-braga.pt.

Maestro Joaquim Santos

Não era sacerdote da nossa Diocese, mas, particularmente nos últimos anos, ligou-se muito a Vila Real.

Joaquim Gonçalves dos Santos, nasceu em Riódouro, Cabeceiras de Basto, em 1936. Sacerdote diocesano de Braga, sempre mostrou especialíssima inclinação para a música, a ponto de ser considerado o melhor discípulo do grande Mestre Manuel Faria. Estudou em Roma e notabilizou-se por uma insidiosa de composições para vozes e para os mais diversos instrumentos.

Colaborou, ao longo de vários anos, com o Curso de Música Litúrgica que o Centro Católico de Cultura criou em Vila Real, criou muitas composições para serem executadas na igreja de Santo António dos Portugueses, em Roma e, fundamentalmente, musicou o texto do senhor D. Joaquim, “Travessia”, criando um oratório cada vez mais valorizado.

Faleceu no dia 24 de Junho.

Bodas de ouro sacerdotais

No dia 7 de Julho, segunda-feira, esteve reunido o clero do Alto Tâmega

no santuário do Senhor do Monte, em Pinho, Boticas, para celebrar as Bodas de Ouro de três sacerdotes: o P. Albino Lage Dias, o P. Arnaldo Alves de Moura e o P. José Bernardo.

De facto, faz neste ano de 2008 cinquenta anos que estes nossos colegas foram ordenados e celebraram Missa Nova. Na Eucaristia, concelebrada por todos, o Vigário do Clero, Mons. Silvério, dirigiu uma palavra de acção de graças pelo nosso sacerdócio, exortando-nos a vivê-lo com muita fé e alegria. Estiveram também presentes o Vigário-geral, Dr. Fontes, e o Mons. José Selas, que foram colegas de curso dos três presbíteros.

Logo a seguir, os trinta sacerdotes reuniram-se num restaurante em Sapiãos, em alegre convívio, brindando à saúde dos nossos homenageados.

P. Delmino Fontoura

Seminários de Vila Real e Bragança encontram-se em Valpaços

A 21 de Julho, num gesto de eclesialidade que importa ressaltar e desenvolver, os alunos de teologia das duas dioceses trans-

Centros Sociais Paroquiais descontentes com a Segurança Social

Cinco sacerdotes do Concelho de Vila Real, Presidentes da Direcção de outros tantos Centros Sociais Paroquiais, divulgaram um comunicado no qual se referem as dificuldades que o Centro Regional de Segurança Social de Vila Real lhes está a criar. Referem que foram vítimas de penalizações com suspensão de alguns serviços e que a

um Centro foi mesmo suspenso um acordo de cooperação “por prosseguir respostas sociais e caritativas fora da sua área”.

Estas situações não são isoladas. O que leva a julgar que, a nível nacional, não se vê com bons olhos a presença da Igreja nas estruturas de solidariedade social. No que ao clero diz respeito, basta

um exemplo: não obstante todas as diligências efectuadas, nunca a Segurança Social ajudou, quer a construção, quer o funcionamento do Lar para sacerdotes idosos e doentes que a Fraternidade Sacerdotal edificou, à sua custa, no Carmo. Pelo contrário, o actual Director Regional de Vila Real criticou-a ao classifica-la de “faraónica”.

Ordenações

Mais um Padre e um Diácono para o serviço da evangelização

No primeiro Domingo de Julho, data das tradicionais ordenações na nossa Diocese, D. Joaquim Gonçalves conferiu o Presbiterado a Jorge Rodrigues, natural de Telões (Vila Pouca de Aguiar), ordenou Diácono Ricardo Machado, de Mondrões (Vila Real) e instituiu no Ministério dos Leitores o seminarista Ivo Coelho, de Vreia de Jales (Vila Pouca).

Na homilia, o Presidente centrou o tema da reflexão na tónica da alegria que a todos invadia, para afir-

mar: “É uma alegria diferente do hedonismo do mundo, um tipo de satisfação e felicidade interiores nascidas nas fibras mais profundas do nosso ser – saber e sentir que se acertou o passo da vida inteira e que o nosso ministério sacerdotal ajudará o mundo a ser feliz”.

Esta alegria de que falava o nosso bispo foi bem visível na Missa Nova do P. Jorge, em Telões: o Povo de Deus correu em massa para participar a satisfação pelo ministério do sacerdócio conferido a um jovem do seu meio. Nos dias anteriores, o Pároco, P. Domingos Barrias, promoveu uma condigna preparação espiritual.



Renovação gráfica

Este boletim quer ser ainda mais valorizado

São animadoras as notícias que nos chegam dos vários cantos da Diocese: cada vez mais se procura neste boletim (e só nele!) as orientações concernentes à vida religiosa diocesana. Ora, isto obriga a uma atenção redobrada, por parte de quem o faz, para que corresponda sempre mais a este desejo. Afinal, sua única razão de ser.

O primeiro número publicou-se em Janeiro de 2003. Já lá vão quase cinco

anos! Por isso, importava uma actualização. É o que se intenta já a partir deste número: outro papel, nova mancha gráfica, passagem da paginação de 3 para 5 colunas, outro tipo de letra, mais fotografias, etc.

Mas não se pode ficar apenas no visual: é preciso chegar ao conteúdo. Para isso, todos temos de colaborar. Para além do bispo diocesano, que o poderá usar como canal privilegiado ao serviço do seu ministério de

evangelizador, a valorização que pretende fazer deste jornalzinho efectivamente «boletim oficial» tem de passar pelos serviços centrais da Diocese de quem se espera que enviem normativas, orientações, decisões, etc. para publicação. E também pelos Arciprestados e Movimentos e Obras: são indispensáveis as notícias do que vão realizando. Não em espírito de vã glória, mas como divulgação e permuta de experiências.

Poderemos contar com isso?



Festas de Verão

Ponto forte da religiosidade popular

A tradicional romaria de Santiago, que se realiza no alto do Monte Farinha -Senhora da Graça- este ano, foi presidida pelo senhor D. Amândio. Publica-se esta foto para assinalar as muitas dezenas

de festas patronais, celebradas um pouco por todo o território da nossa Diocese, e que são indubitavelmente expressão de uma sensibilidade que sabe conciliar a vivência da fé com a dimensão social e lúdica.

Agraciados o Mons. Minhava e o P. Gomes

A Câmara de Vila Real atribuiu a “medalha de ouro da cidade” ao Mons. Ângelo Minhava e a “medalha de mérito municipal – grau ouro” ao P. José Joaquim Gomes. Nas razões da condecoração, a respeito do primeiro, escreve-se: “é sem sombra de dúvida

cerdote de conduta irrepreensível, professor competente de muitas gerações, que marcou com o seu saber e com a sua afabilidade natural, filólogo douto, poeta, dramaturgo e ensaísta, foi porventura como músico que ganhou maior projecção”. Mons. Minhava compôs a «Marcha de Vila Real» há 50 anos.

A respeito do Padre Gomes, refere-se que sempre desempenhou o seu ministério sacerdotal nesta cidade, quer como “ecónomo do Seminário, quer como gerente da empresa gráfica Minerva Transmontana. Finalmente, desempenha desde 2004 as

funções de Provedor da Santa Casa da Misericórdia, à qual tem dado um impulso notável e a cuja administração se tem entregado com grande determinação e sucesso”.



uma das figuras mais respeitadas da história recente de Vila Real. Homem de grande sabedoria e erudição, é simultaneamente de uma tocante modéstia e simplicidade. Sa-

Seminário em Santo Aleixo

É uma prática já com muitos anos: os alunos de Teologia do nosso Seminário costumam encontrar-se, durante as férias grandes, para convívio entre eles, conhecimento dos diversos âmbitos geográficos da Diocese, inserção na pastoral local e mostrar às populações locais a alegria de uma vida com sentido.

Este ano, aproveitou-se a amabilidade do P. Carlos Rodrigues para se rumar até Santo Aleixo de Além-Tâmega (Ribeira de Pena), lá onde a fortaleza do carácter transmontano se encontra com a doçura minhota. Como sempre, Pároco e paroquianos foram inextinguíveis em simpatia.

Os senhores bispos também marcaram presença, num encontro que reuniu muitos sacerdotes, com predominância das camadas jovens, como é compreensível.

Faleceu o P. Artur Gonçalves

A 12 de Julho, com quase 89 anos, faleceu o P. Artur Gonçalves. Nascido na América, frequentou o Mosteiro beneditino de Singeverga, tendo-se transferido daí para o

Seminário de Vila Real, onde viria a ser ordenado em 1949. Trabalhou no Seminário, na Matriz de Chaves e, particularmente, em várias Paróquias de Montalegre, em cuja Misericórdia vivia ultimamente.

Presidiu à celebração fúnebre o Bispo de Vila Real que, na homilia, falou do ministério da palavra, um «serviço» prioritário para padres e mesmo para os leigos, mormente para os pais.

MOVIMENTO ECLESIAÍSTICO

Nos finais de Julho de 2008, o Bispo diocesano procedeu às seguintes nomeações:

Sacerdotes

- **P. Manuel Sequeira Teles**, dos Missionários do Espírito Santo, dispensado, por motivos de doença e idade, das paróquias de Pensalvos e Parada de Monteiros, Vila Pouca de Aguiar;
- **P. António Garcia Fernandes**, dispensado da Paróquia de S. Martinho de Bornes, Vila Pouca de Aguiar, que lhe fora confiada temporariamente, mantendo as outras de que já era pároco, no mesmo Arciprestado;
- **P. Domingos Lage Alves**, dispensado das paróquias de S. Pedro de Veiga do Lila, Veiga do Lila, Vales e Canavezes, do concelho de Valpaços, e nomeado Pároco de S. Martinho de Bornes, Pensalvos e Parada de Monteiros, do concelho de Vila Pouca de Aguiar;
- **P. Jorge Alexandre da Costa Rodrigues**, nomeado Pároco de S. Pedro de Veiga do Lila, Vales, Veiga do Lila e Canavezes, no Arciprestado de Valpaços.
- **P. António Manuel Aires de Sousa**, dispensado, por motivos de doença e a seu pedido, das Paróquias de Carlão, Santa Eugénia, Pegarinhos, Sobreira, Sanfins do Douro e Alijó, do Arciprestado do Douro II;
- **P. Pedro Rei Alves**, nomeado Pároco de Carlão, Santa Eugénia, Pegarinhos, Sobreira, Sanfins do Douro e Alijó, do Arciprestado do Douro II.

Diácono

- Diác. **Ricardo José Martins Machado**, auxiliar do P. Pedro Rei Alves.

Seminaristas Estagiários

- **Ivo Coelho** (aluno do estágio pastoral), no Seminário
- **Adão Moura**, no Secretariado da Catequese e Paróquias da Campeã e anexas
- **Carlos Rubens**, no Secretariado da Juventude e Paróquias de Vilarandelo e anexas
- **Daniel Afonso**, adjunto do Assistente do Escutismo e Paróquias de Loureiro e anexas
- **João Paulo Castanheira Pinto**, no Pré-Seminário, Seminário e Paróquia da Sé
- **Marcos Amaro**, para ajudar no trabalho de coordenação do Ano Paulino e nas Paróquias de Telões e anexas

Diáconos Permanentes

(com data de 21/05/2008)

- Diác. **Permanente Dr. António Manuel da Silva Matos**, organizador do Secretariado da Acção Sócio-caritativa, com a missão específica de constituir e apresentar a equipa que há-de dirigir o Secretariado. Desse sector fazem parte todas as Instituições diocesanas de solidariedade social e associações privadas de fiéis que se dedicam ao serviço social e assistência;
- Diác. **Permanente Dr. Paulo Manuel Gomes dos Santos**, Assistente eclesialístico do “Movimento da Mensagem de Fátima”, já existente na Diocese, com a missão de o reorganizar e dinamizar.

Admissões ao Seminário

De 7 a 9 de Julho, decorreram os estágios de admissão ao Seminário. Participaram 16 candidatos originários das Paróquias de Vilarinho dos Freires (Régua), S. Pedro de Veiga de Lila (Valpaços), Trêsmas e Vila Pouca de Aguiar, Salvador e Santa Marinha (Ribeira de Pena), Madalena (Cha-

ves), Nossa Senhora da Conceição e Sé (Vila Real), Alijó, Ermelo e Mondim de Basto.

Como a experiência indica que, durante o verão, costumam aparecer mais alguns candidatos, far-se-á nova admissão no dia 8 de Setembro, a partir das 9h30. Solicita-se aos Párcos que a anunciem.